

A NARRATIVA E A HISTÓRIA DE VIDA COMO PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA PESQUISA COM MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA DA EJA

Júlia Canella da Silva
*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de
Juiz de Fora. Bolsista CAPES.
juliacanella97@gmail.com*

Prof^ª. Dr^ª. Mariana Cassab Torres - Orientadora
*Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de
Juiz de Fora.
mariacassab@yahoo.com.br*

*Simpósio Temático nº 17 – EJA E GÊNERO: O LUGAR DA MULHER NESSE ESPAÇO
DE FORMAÇÃO*

RESUMO

O presente trabalho se organiza a partir da pesquisa de mestrado, ainda em andamento, intitulada “Mulheres que se contam: histórias de vida e narrativas de educandas chefes de família da educação de jovens e adultos”, que tem como objetivo compreender como as questões de gênero atravessam o percurso escolar das educandas chefes de família da EJA a partir do contexto singular da narrativa de sua história de vida, visando estabelecer os lugares representados pela escola na vivência destas mulheres. Ao lançar mão da história de vida e da narrativa como metodologias de pesquisa, buscamos afirmar científica e politicamente que as mulheres são agentes que constroem suas próprias histórias, estabelecendo atos de escuta e de voz em torno do direito de dizer sua palavra. Buscamos assim reconhecer com as mulheres chefes de família da EJA suas subjetividades, desejos, e expectativas, buscando compreendê-los no tecido social, cultural e histórico que os condicionam e afetam. A pesquisa se organiza através da metodologia de história de vida, tendo como principal referência o pesquisador inglês Ivor Goodson, a construção dos debates acerca da identidade tem como base a produção de Marie-Christine Josso, além das discussões sobre memória em que nos apoiamos em Éclea Bosi. As narrativas de história de vida se colocam então como uma ferramenta metodológica potente para compreensão das vivências e dos atravessamentos sociais, econômicos, culturais e de gênero presentes na vida dessas mulheres, levando a construção, reflexão e reconstrução da nossa história, identidade e modo de estar no mundo.

Palavras-chave: Mulheres chefes de família, EJA, História de vida, Narrativa.

ABSTRACT

The present work is organized from the master's research, still in progress, entitled "Women who tell themselves: life stories and narratives of female heads of household in youth and adult education", which aims to understand how the issues of gender traverse the school trajectory of the female heads of household at EJA from the singular context of the narrative of their life story, aiming to establish the places represented by the school in the experience of these women. By making use of life history and narrative as research methodologies, we seek to scientifically and politically affirm that women are agents who build their own stories, establishing acts of listening and voice around the right to speak their word. We seek to recognize with the women heads of households at EJA their subjectivities, desires, and expectations, seeking to understand them in the social, cultural and historical fabric that condition and affect them. The research is organized through the life history methodology, having as its main reference the English researcher Ivor Goodson, the construction of debates about identity is based on the production of Marie-Christine Josso, in addition to the discussions about memory that we rely on Eclea Bosi. Life story narratives are therefore a powerful methodological tool for understanding the experiences and social, economic, cultural and gender crossings present in the lives of these women, leading to the construction, reflection and reconstruction of our history, identity and way of being in the world.

Keywords: female heads of household, EJA, life history, narrative.

INTRODUÇÃO

Introdução Maria-Nova olhava a magreza da velha, a magreza do quarto, a magreza da vida. Sentiu um nó na garganta e as lágrimas caíram como gotas de desesperança, sentiu uma dó dos velhos! Lembrou de Tio Totó e de Maria-Velha. Pensou que seria velha um dia. O que seria quando crescesse? Mãe Joana, Maria-Velha, Tio Tatão, todos diziam que para ela a vida seria diferente. Seria?! Afinal, ela estava estudando, MariaNova apertou os livros e os caderno contra o peito, ali estava a sua salvação. Ela gosta de aprender; de ir à escola, não. Tinha medo e vergonha de tudo, dos colegas, dos professores. Despistava, transformava o medo e a vergonha em coragem. Tinha uma vantagem sobre os colegas: lia muito. Lia e comparava as coisas. Compara tudo e sempre chegava a algum ponto. Uma vez, uma professora de História falou alto, no meio de todos, que ela era a única aluna que chegava às conclusões. E sempre a professora de português elogiava as suas composições. A desesperança, a tristeza continuava a cair dos olhos de Maria-Nova turvando-lhe a visão. Ela queria ver tudo! (Conceição Evaristo, 2017, p.110)

O trecho acima citado foi retirado do livro *Becos da Memória*, da escritora mineira Conceição Evaristo, e apresenta a relação da personagem Maria-Nova com a escola a partir de sua realidade enquanto uma menina negra, pobre, periférica, características estas que atravessam seu percurso escolar, assim como, em muitos casos, atravessam também os percursos escolares dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, campo no qual essa pesquisa se insere. Mais especificamente, temos aqui como sujeitos da pesquisa as

mulheres da EJA e suas histórias de vida, histórias essas que atravessaram meu percurso pessoal e também acadêmico.

As educandas da Educação de Jovens e Adultos no Brasil são aquelas que historicamente tiveram seu direito à educação negado no momento em que deveriam estar frequentando o ensino dito regular. Tal negação do direito à educação pode ter origem em diferentes processos de exclusão e marginalização social, desde a ausência física da escola nas proximidades de sua residência, até a necessidade de escolha entre a escolarização e a sobrevivência através do trabalho.

O retorno à escola, seja na fase adulta ou na juventude, é um processo que envolve inúmeras negociações familiares, profissionais, do tempo e da disponibilidade das educandas em retornar à sala de aula. Em se tratando das mulheres que retornam à escola através da EJA, o atravessamento de gênero se impõe a partir de questões como o trabalho doméstico, o cuidado com os filhos para as mulheres que são também mães, o apoio familiar dos companheiros quando estes estão presentes em suas vidas e também, em alguns casos, do apoio de outros familiares que se proponham a cuidar dos filhos das mulheres mães que retornam à escola. Sendo assim, a presente pesquisa parte da compreensão de que a trajetória escolar das mulheres da EJA, seja no tempo dito regular ou em seu retorno à escola, são diretamente influenciadas por sua vivência enquanto mulheres.

Após a definição das mulheres como sujeitos de pesquisa, priorizo aqui as que se constituem enquanto chefes de seu contexto familiar, no sentido de serem responsáveis pela organização do mesmo, bem como tendo em seu salário ou meio de sustento, a fonte de renda prioritária de seu núcleo. Nesse contexto estabeleço enquanto questão de pesquisa a necessidade de compreender, a partir das narrativas de história de vida de mulheres que se constituem enquanto chefes de família e retornam à escola através da EJA, que significados e importâncias a escola assume em suas vidas nos diferentes momentos em que estas se atravessam, e de que forma sua vivência e condição social enquanto mulher e chefe de família afetam seu processo de escolarização.

O recorte estabelecido sobre mulheres chefes de família se justifica pelo exponencial crescimento desses sujeitos, como explicitado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no ano de 2015. Os indicadores sociais produzidos evidenciam um aumento de 14,1 milhões de famílias chefiadas por mulheres, em 2001, para 28,9 milhões em 2015, isto é, um

crescimento de 105%. O conceito de chefe de família aqui utilizado tem como base o que é explicitado pelo IBGE, sendo esta a pessoa de referência, o integrante da família responsável pela principal fonte de renda e pelas tomadas de decisão (IBGE/Pnad, 2015).

Dentre as famílias chefiadas por mulheres no Brasil, os recortes de raça, classe, território e tempo de escolarização também se colocam como questões para reflexão, visto que aproximadamente 15,9 milhões destas famílias são chefiadas por mulheres negras, estando sua maior concentração nas regiões Nordeste e Sudeste, vivendo em contexto urbano. Quanto a sua renda per capita, 56,6 % das famílias chefiadas por mulheres sobrevivem com uma renda de até um salário-mínimo por pessoa. No contexto da formação escolar, 32% das mulheres indicadas como chefes de família possuem até 4 anos de escolarização, sendo que 12% destas frequentaram a escola por menos de um ano (IBGE/Pnad, 2015)

A partir da localização dos sujeitos centrais dos quais partem a questão que organiza o presente trabalho, a seguir apresentamos os percursos teórico-metodológicos que serão adotados na pesquisa, partindo de autores do campo das narrativas, da memória, da identidade e do uso das histórias de vida na pesquisa em educação para pensarmos os caminhos futuros. Em seguida, apontamos uma breve conclusão, que se propõe mais a provocar sobre as possibilidades do que apontar resultados, visto que, somente a partir das entrevistas e da vivência do campo de pesquisa poderemos encontrar algumas respostas para as inquietações iniciais aqui debatidas.

A NARRATIVA E A HISTÓRIA DE VIDA COMO PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Ser uma mulher que se propõe à escuta das narrativas e da história de vida de outras mulheres representa uma escolha consciente da necessidade de que nossa caminhada seja unificada, não no sentido do apagamento de nossas interseções e singularidades, mas com objetivo de fortalecer uma luta histórica por mais direitos e melhores condições de vida a todas nós. Ao lançar mão da história de vida e da narrativa como metodologias de pesquisa, buscamos afirmar científica e politicamente que as mulheres são agentes que constroem suas próprias histórias, estabelecendo atos de escuta e de voz em torno do direito de dizer sua palavra. Buscamos assim reconhecer com as mulheres chefes de família da EJA suas subjetividades, desejos, e expectativas, buscando compreendê-los no tecido social, cultural e histórico que os condicionam e afetam.

O método de pesquisa que se constitui através das narrativas de história de vida, por conseguinte, se adequa a essa pesquisa por ter como objetivo a compreensão da interação social dos indivíduos em seus contextos e particularidades, reconhecendo as influências socioculturais, políticas e históricas presentes nas narrativas, lidando com as tensões entre aspectos pessoais e sociais apontados pelos próprios sujeitos que se narram, de forma que “as narrativas podem ser uma maneira útil de explicar ações humanas, e ao relatarmos nossa vida nós situamos nossas ações no contexto de intenções com relação a seu papel na história do cenário a que elas pertencem”. (GILL, GOODSON, 2015 p.217)

Nossa escolha se justifica, portanto, pelo reconhecimento da importância da narrativa como essencial à condição humana. Conforme apontado por Gil e Goodson (2015), é através da narrativa que organizamos nosso senso de propósito, os sentidos da vida, nossos valores e aspirações. Segundo os autores, “O trabalho de narrativa e história de vida dá a oportunidade de reexaminar a pesquisa social reconhecendo a complexidade dos encontros humanos e incorporando a subjetividade humana ao processo de pesquisa” (GILL, GOODSON, 2015 p.217).

A utilização do método de histórias de vida no campo da educação não é recente. No âmbito do esforço que Machado (2017) empreende em produzir um interessante panorama a respeito da utilização de métodos de narrativas de história de vida biográficas e autobiográficas, ela estabelece a década de 1980 como um marco importante no incremento de pesquisas dessa natureza. Em relação a potencialidade das narrativas na condução de investigações focadas especificamente na Educação de Jovens e Adultos, a mesma autora aponta que escutar as trajetórias de vida, as concepções das educandas e as realidades em que se inserem é fundamental para compreender como ocorre sua relação com o ensino e a aprendizagem.

Entretanto, Machado (2017) ressalta, para além da potencialidade, o desafio da utilização das histórias de vida em relação a apresentação dos sujeitos, que sempre irá ocorrer de maneira incompleta, visto que não é possível abarcar uma totalidade do real, sendo produzidas sempre interpretações e reinterpretações das narrativas colhidas. Ainda assim, tal desafio não invalida ou questiona a validade da pesquisa narrativa, já que através da aproximação com as narrativas do outro são produzidas diferentes maneiras de interpretar a realidade. Para Goodson (2015, p.43) "a investigação da história de vida é, em si mesma, uma forma interpretativa de investigação", que entendemos favorecer a legitimação das vozes das mulheres.

Nesse movimento, ao tratar das narrativas de mulheres, a questão da identidade e das concepções sobre si despontam. Com o avanço das discussões do movimento feminista, o exercício de repensar as diferentes constituições do que é ser mulher na sociedade se torna constante. A noção de quem somos é diretamente atravessada pelo recorte de gênero, algumas mulheres se definem como mães, esposas, donas de casa; outras se colocam primeiro a partir de seus percursos profissionais se definindo enquanto professoras, jornalistas, artesãs, empregadas domésticas; para algumas a definição étnica é primordial, se colocando como mulheres negras ou indígenas; outras já se apresentam a partir de sua orientação sexual ou identidade de gênero como mulheres lésbicas, bissexuais e transsexuais, todas essas questões nos constituem, mas não definem nosso todo.

Nossa identidade e a ideia que temos sobre quem somos no mundo também não é fixa ao longo do tempo, podendo sofrer alterações a depender do contexto e do momento em que nos indagamos sobre quem somos. O próprio processo de participar da pesquisa é um elemento a ser considerado, já que as narrativas de história de vida possuem também um caráter pedagógico, se constituindo como um processo conjunto de construção do conhecimento, além da possibilidade de reflexão dos sujeitos sobre a relação que sua narrativa estabelece com a história social compartilhada por seus contemporâneos. Segundo Goodson e Crick “O senso que temos de nós mesmos é incorporado as histórias que contamos e recontamos” (CRICK, GOODSON, 2019, pp. 108-109). Sendo assim, narrar sua história contribui para construção e reconstrução de sua identidade e da percepção do sujeito sobre si, se colocando também como ferramenta de transformação.

A construção de nossa identidade, de acordo com Josso (2007) ocorre através das transformações em nossas referências socioculturais e de processos de identificação e diferenciação com o outro, ao tratar a questão da identidade através das narrativas de história de vida a autora aponta que:

Trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida. Às constatações que questionam a representação convencional de uma identidade, que se poderia definir num dado momento graças à sua estabilidade conquistada, e que se desconstruía pelo jogo dos deslocamentos sociais, pela evolução dos valores de referência e das referências socioculturais, junta-se a tomada de consciência de que a questão da

identidade deve ser concebida como processo permanente de identificação ou de diferenciação, de definição de si mesmo, através da nossa identidade evolutiva, um dos sinais emergentes de fatores socioculturais visíveis da existencialidade. É por essa razão que essas identidades num constante vir-a-ser, manifestação de nossas existencialidades em movimento, são em certos períodos históricos mais fortemente atingidas pelos efeitos desestruturadores de mudanças sociais, econômicas e/ou políticas. (JOSSO, 2007. p. 415)

Ao refletirmos sobre as diferentes influências em nossa identidade e em nossa existencialidade, conforme apontado pela autora, podemos pensar em de que forma questões como a pandemia do COVID-19, as instabilidades políticas enfrentadas pelo Brasil na última década, e, nos tempos atuais, a precarização de condições básicas para sobrevivência como empregos formais, alimentação, moradia, saúde e educação, modificam as condições de existência e de consciência de si das mulheres que serão ouvidas nessa pesquisa. A condição de chefe de família, principalmente no caso das mulheres que se constituem como única fonte de renda de seu núcleo familiar, é diretamente impactada pelas condições políticas, econômicas e sociais enfrentadas no Brasil.

Nesse contexto, Josso (2007) aponta para a necessidade de uma análise multireferencial na pesquisa com história de vida, englobando diferentes aspectos do nosso pensar e do nosso ser no mundo. Ainda que o objetivo central da pesquisa não seja a construção de uma identidade, a narrativa de história de vida passa sempre por um processo de reflexão e de tomada de consciência de si. A autora apresenta também o que denominou de paradigma singular-plural para construção da identidade e compreensão da existencialidade. Segundo Josso (2007) a reflexão sobre a história de vida nos permite observar a construção de uma identidade, para si ou para os outros, que é singular, mas, ao mesmo tempo, marcada socioculturalmente por uma realidade compartilhada com os demais.

A pesquisa através das narrativas de história de vida contribui diretamente para um processo de invenção, construção e reconstrução de si em relação ao mundo e ao outro. Tal processo atravessa tanto os sujeitos da pesquisa quanto a pesquisadora, visto que a escolha pela temática e pelos recortes aqui apresentados é diretamente atravessada pela construção da minha identidade, de minhas relações familiares, profissionais e pessoais, das leituras e do consumo de artefatos culturais e acadêmicos, dentre muitos outros atravessamentos que vem transformando minha identidade enquanto mulher,

pesquisadora, professora e todas as demais características que me formam em relação a mim e na minha relação com o mundo.

Ao trabalhar com narrativas e com as histórias de vida de mulheres, a memória é outro atravessamento que atinge essa pesquisa. O exercício de lembrar, recordar e narrar sua vida se constitui também por escolhas, escolhemos o que lembrar e o que esquecer, ordenamos a narrativa, seja de maneira cronológica ou pela ordem de importância dos acontecimentos, todas essas escolhas e ações são mediadas por nossas memórias.

Segundo Bosi (2003) “Cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento”. Para a autora o processo de narrar sua história e suas memórias parte do presente para sua percepção e interpretação do que foi o passado, nesse contexto, a memória coletiva de uma classe ou de indivíduos que pertencem a um mesmo tempo ou contexto social costumam se aproximar, já que nossa memória não se constitui somente na esfera individual, mas também nas vivências compartilhadas. Segundo a autora:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (BOSI, 2003, p. 31)

É através da memória que estabelecemos uma relação com nosso passado, com nossa história, e é através dela que construímos a narrativa de nós, do tempo e do espaço que ocupamos, e também as narrativas que compartilhamos com o outro, visto que “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo.” (BOSI, 2003, p.53) Sendo assim, nossa memória, o que escolhemos narrar ou silenciar, é determinado também por questões de classe, raça, espaço, trabalho, escolarização, e, no caso da presente pesquisa, pelos atravessamentos do que representa ser mulher em nossa sociedade.

Pensando na construção da narrativa de sujeitos que frequentam a escola, pode-se estabelecer uma relação singular entre o contexto escolar em que se inserem e a forma como este imprime significado em sua história de vida. Nesse contexto Connelly e Claudinin (1995) ao tratarem da pesquisa narrativa definem esta enquanto estudo da forma com que os seres humanos experimentam o mundo, se constituindo como um meio de caracterizar os fenômenos da experiência humana.

Os autores colocam também a escola como espaço em que se reconstruem histórias sociais e individuais, tanto por parte dos professores quanto dos alunos, tidos aqui como contadores e personagens de suas histórias. Para Connelly e Claudinin (1995) é através das narrativas de vida que os alunos dão sentido as situações escolares, destacando que as abordagens de pesquisa narrativas fornecem teorias sobre vivências humanas que podem ser aplicadas à educação. (CONNELLY; CLAUDININ, 1995.)

A pesquisa através das narrativas se constitui então em um processo de troca e escuta entre investigador e seus sujeitos, tais sujeitos, por sua vez, não são estáticos, de forma que ao longo do processo de pesquisa, continuam vivendo, transformando e refletindo sobre suas histórias e trajetórias. A compreensão de tais movimentos constitui tarefa complexa para o pesquisador, visto que “Una mesma persona está ocupada, al mismo tiempo, en vivir, en explicar, en re-explicar y en re-vivir historias.” (CONNELLY; CLAUDININ, 1995, p.22)

Ivor Goodson (2019), ao investigar durante muitas décadas a narrativa pessoal, especialmente de profissionais da educação, também discorre sobre os dilemas, problemas e possibilidades do trabalho qualitativo com as narrativas de vida. Ele nos alerta acerca da necessidade de não descuidar dos contextos estruturais das vidas, afinal, como assevera, os contextos em que as vidas sociais são vividas é condição para seus significados. A pesquisa, portanto, recusa operar com uma visão pessoal das partícipes da investigação em uma perspectiva individualista do que é ser mulher, daí também deriva a centralidade que a noção de identidade assume no estudo. As histórias de vidas são construídas em circunstâncias que são históricas e em condições sociais, raciais, culturais específicas, necessárias de serem levadas em conta no procedimento teórico metodológico que a pesquisa maneja.

Goodson (2015) indica que as narrativas de história de vida produzidas pelos sujeitos, em geral, não reconhecem explicitamente sua localização cultural, social, racial, nem tão pouco evocam explicitamente a sua localização histórica em um dado tempo e espaço. Cabe à pesquisadora, na interpretação, produzir uma história da ação individual inserida no que o autor denomina de teoria de contexto. Algo que se dá a partir do esforço de posicionar a história de vida individual em um contexto coletivo, que incorpora no itinerário da pesquisa uma preocupação constante com o tempo e a localização histórica e de lugar.

Ademais, ao buscar tratar das inumeráveis formas que as pessoas falam de suas vidas, Ivor Goodson reconhece a emergência de alguns gêneros. As narrativas podem se estruturar a partir de um sequenciamento cronológico, outras enfatizam por eventos críticos ou grandes mudanças, enquanto que certos informantes podem estabelecer sua narrativa de história de vida a partir da evocação de um conjunto de episódios que não parecem estabelecer relação entre si. Para o autor a variedade de narrativas é ilimitada, haja vista que “cada história de vida tem o seu próprio elemento distintivo, as suas próprias idiossincrasias e a sua própria estrutura e forma” (GOODSON, 2015, p.33).

Todavia, o pesquisador estabelece três conjuntos distintos de abordagens com a história de vida: a história de vida ocupacional, que se ocupa em compreender a vida e o contexto ocupacional do sujeito, sendo necessário haver equilíbrio entre as narrativas da vida e do trabalho; em seguida a história de vida temática, a qual estabelece um foco específico de abordagem, este pode ser o gênero, as etapas e transformações da carreira, as ambições pessoais, dentre outros enfoques específicos a serem explorados a partir da história de vida; por fim, a história de vida total, que pretende compreender toda a história do indivíduo localizada em seu contexto. (GOODSON, 2015)

Do ponto de vista da abordagem da pesquisa, aqui nos propomos a entrevistas de história de vida temáticas, em que estabelecemos como foco central o recorte social e histórico dos atravessamentos de gênero nas trajetórias de vida e escolares das mulheres chefes de família. O que diferencia a história de vida temática de uma abordagem de história de vida total é a intenção específica da pesquisa, segundo o autor “Uma das distinções entre as histórias de vida temáticas e ocupacionais e as histórias de vida completas é a intenção específica do estudo: visa compreender um tema, uma ocupação ou uma vida?” (GOODSON, 2015, p. 33).

A respeito do procedimento metodológico de produção das narrativas, optamos aqui pela ênfase na técnica da entrevista de história de vida. Goodson divide o método de coleta das histórias de vida em três fases distintas, sendo elas a narração, a colaboração e a localização. Na primeira fase a entrevistada é convidada a narrar sua vida com o mínimo de interrupções e orientações da pesquisadora, essa fase tem como objetivo coletar uma narrativa subjetiva, que se aproxime mais da percepção do entrevistado sobre si e a respeito de sua trajetória. (GOODSON, 2015, p. 34)

Na fase de colaboração se realiza uma segunda entrevista em que a pesquisadora, já tendo a primeira coleta analisada e transcrita, tem como objetivo preencher lacunas e

direcionar a narrativa com foco em suas questões de pesquisa. Essa fase busca também compreender quais escolhas e recortes foram feitos pela entrevistada em sua primeira entrevista, e quais razões motivam o que é narrado e o que é silenciado em suas trajetórias. A terceira parte conta com o processo de localização e triangulação das narrativas em seu contexto histórico, espacial e social, processo que segundo o autor faz com que a “estória de vida”, que é caracterizada como narrativa individual dos sujeitos, se transforme em história de vida, a ser utilizada como fonte de pesquisa. (GOODSON, 2015.)

A escolha por não fazer uma primeira entrevista já estruturada através de perguntas e questionamentos que partem dos objetivos específicos da pesquisa é feita de maneira consciente, tendo como finalidade ajudar o sujeito a contar sua história, e não a história que queremos ou gostaríamos de ouvir a partir de nossas perguntas e direcionamentos. As entrevistas serão gravadas com o consentimento das educandas e transcritas pela pesquisadora. No caso da segunda entrevista, as questões devem surgir a partir das interpretações e lacunas da primeira, com um foco mais direcionado as questões e objetivos da pesquisa.

Considerações em torno da escolha das mulheres que participarão da pesquisa são também importantes de serem produzidas. O primeiro ponto em destaque diz respeito ao conceito de chefe de família. A demógrafa Suzana Cavenaghi em seu livro *Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios* (2018) aponta a utilização histórica do conceito nos censos demográficos brasileiros. Para compreendermos como esse conceito vem se construindo é preciso refletir também sobre o conceito de família adotado pelo IBGE.

Para identificar as famílias nas pesquisas, o IBGE inicialmente pede que seja apontado o chefe daquele núcleo familiar, o qual fica responsável pela caracterização dos demais membros. Entretanto, as discussões sobre a delimitação de quem seria o chefe da família foram modificando as abordagens censitárias ao longo das décadas. Nas décadas de 1960 e 1970 era considerado chefe da família a pessoa responsável pelo domicílio, devido ao contexto sociocultural, estava implícito que o chefe seria um homem. Entretanto, em 1980 ocorreu uma mudança fundamental para definição desse sujeito, com a citação explícita da possibilidade de o chefe de família ser o homem ou a mulher responsável pelo domicílio. (CAVENAGHI, 2018)

Apesar das modificações nas décadas anteriores, somente a partir do Censo Demográfico de 2000, o termo “chefe” deixou de ser utilizado nos questionários e

entrevistas censitárias, passando a ser utilizado o termo “pessoa responsável”. Ainda assim, o Instituto não especificava quais as competências e responsabilidades que deveriam definir a pessoa responsável por um núcleo familiar ou domicílio, de forma que o conceito permaneceu abstrato. No censo de 2010 houve mais mudanças, dessa vez em relação ao termo família, compreendendo que poderiam haver diferentes núcleos familiares habitando um mesmo domicílio, o que tornava difícil a tarefa de eleger somente um responsável. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), já é apontada por Cavenaghi como um levantamento que possui características mais conservadoras. O termo “chefe” de família foi utilizado na Pnad até a pesquisa de 1992, quando finalmente foi substituído por “pessoa de referência”. (CAVENAGHI, 2018)

Entretanto, ao pesquisar sobre a temática, tanto no livro de Cavenaghi quanto nos dados e tabelas¹ disponibilizados por órgãos como o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o IBGE, o termo chefe de família permanece sendo utilizado para caracterizar as pessoas de referência nos domicílios brasileiros. Dessa forma, compreendemos que as mudanças do termo no momento dos questionários e pesquisas do Censo e da Pnad se relacionam as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas, abrindo a possibilidade de que as famílias apontem ser chefiadas tanto por homens quanto por mulheres. Nesse contexto, como os dados finais ainda são produzidos e interpretados com base no termo chefe de família, optamos por adotá-lo na presente pesquisa.

Quanto à localização e escolhas das entrevistadas, os sujeitos da pesquisa serão encontrados na escola, as educandas que se enquadrarem dentro do conceito de chefes de família serão convidadas a participar da pesquisa. O número de entrevistadas está em aberto. Devido a abrangência e a natureza qualitativa dos relatos de história de vida, compreendemos que a profundidade do diálogo e da relação estabelecida com as entrevistadas é mais importante que o número de sujeitos abordados, de forma que daremos preferência a conversas mais densas com poucas educandas. O número irá se estabelecer a partir do percurso feito na etapa empírica da pesquisa, em que serão considerados aspectos como: o processo de mapeamento das educandas da EJA chefes de família que denotarem interesse e efetiva condição de participação na pesquisa; o encontro com boas informantes, isto é, aquelas em que a ação de falar de suas histórias

¹ Retrato das desigualdades de gênero e raça (IPEA) – Disponível em: [Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça - Ipea](#)

de vida não seja marcada fundamentalmente pelo silêncio, a interdição e a recusa pelo verbo; as condições concretas de produção da pesquisa em um contexto de pandemia marcado por dificuldades e incertezas de diversas ordens.

Na linha dessas argumentações, também não foi fixada uma faixa etária que defina a escolha dos participantes do estudo. Essa irá se estabelecer na análise das condições concretas e objetivas encontradas no campo. É preciso lembrar que as educandas da Educação de Jovens e Adultos são aquelas que vivem em condições de vida e existência de maior vulnerabilidade e isso se agrava no contexto da maior crise sanitária desse século, integrada a uma profunda crise política e econômica que o país enfrenta. Compreendemos que manter contato e realizar entrevistas com as alunas da EJA já se constitui como um grande desafio, que seria ainda mais dificultado pela definição prévia de uma faixa etária específica.

Apesar dos desafios que podem interpelar os caminhos da pesquisa, reafirmamos novamente a potência e a relevância da produção que tenha como enfoque as mulheres da Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa através das narrativas de história de vida permite o estabelecimento de trocas, experiências, memórias, afetos e relações para além do âmbito acadêmico. Ao consentirem em ceder seus relatos, essas mulheres me permitem adentrar em suas vidas, e, ainda que eu só tenha acesso ao que elas se permitem compartilhar, ouvir, contar e recontar histórias é um exercício de valorização e partilha extremamente significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, ainda em construção, suscita diversas questões e expectativas em relação ao campo na qual pretende se inserir. Algumas questões se colocam como: quem serão as educandas que encontraremos dispostas a ceder seus relatos? Em que contexto, seja presencial ou remoto, as entrevistas devem ocorrer? Quais desafios adicionais a entrevista remota irá proporcionar à escuta e a análise dos dados no campo das narrativas e da história de vida, em que necessitamos estabelecer para além do simples contato, um vínculo de proximidade e empatia com as mulheres pesquisadas?

Em um contexto de instabilidades frente a pandemia do COVID-19, a precarização do acesso a itens básicos de sobrevivência, e ao ensino híbrido que nos afasta

da escola e do convívio com nossos pares e alunos, qualquer percurso teórico-metodológico se vê desafiado.

O processo em que a pesquisa vem sendo delineada é constantemente repensado e revisitado frente as possibilidades reais de execução, que só se fazem possíveis mediante a solidariedade e ao apoio de outras professoras e profissionais da educação que se dispõem a promover meu reencontro, ainda que virtual, com a escola e com as mulheres da EJA. A Educação de Jovens e Adultos, por sua vez, vê suas fragilidades e desafios sendo agudizados pelo contexto político e econômico que vivemos, a evasão e a não participação no contexto remoto são realidades que pude testemunhar na prática enquanto professora da EJA na rede estadual de Minas Gerais.

Para além dos desafios, das vidas perdidas ao longo da pandemia, dos sonhos interrompidos e adiados, e do crescente desmonte da educação pública brasileira, reafirmamos aqui a importância da ciência, da pesquisa e da atuação enquanto docente e pesquisadora como formas de resistência. Permanecemos, nas palavras de Paulo Freire, esperando através da ação, do engajamento, da organização e da crença na educação como possibilidade de transformação social e acolhida dos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015.

BRASIL. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. Ateliê editorial, São Paulo, 2003.

CAVENAGHI, Suzana. Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios / Suzana Cavenaghi; José Eustáquio Diniz Alves. -- Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018.

CONNELLY, Michael F. CLANDININ, D. Jean. Relatos e Experiencias e Investigación Narrativa. In: LAROSSA, Jorge. Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educacion. Editorial Laertes, 1995.

EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. Editora Pallas, 2017.

GILL, Scherto. GOODSON, Ivor. Métodos de História de vida e narrativa. In: Teoria e métodos de pesquisa social. SOMEKH, Bridget. LEWIN, Cathy. Editora Vozes, 2015.

GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa pessoal e futuro social. Editora Unicamp, Campinas, 2019.

GOODSON, Ivor. O uso de métodos de história de vida para a compreensão das experiências vividas. In: Narrativas em educação: a vida e a voz dos professores., Porto Editora, Portugal: 2015.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

MACHADO, Maria Margarida. Aprendendo com histórias vida – um estudo sobre biografias e autobiografias. Rev. Bras. de Educ. de Jov. e Adultos vol. 5, n° 9, 2017.